

Cinema, história e ensino: reflexões para a prática

Priscila Dantas Fernandes¹

Resumo : Este artigo tem como objetivo abordar a relação entre História e Cinema, refletindo acerca da utilização de filme como recurso didático e como fonte histórica. Para tanto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica. As tecnologias da informação e comunicação (TICs) estão sendo introduzidas nas escolas como elementos facilitadores do ensino, contribuindo para a sua melhoria. Assim, o filme tem a configuração de um recurso didático facilitador nas aulas, ou seja, recurso didático nas aulas de História. Ensinar, a partir do cinema, significa provocar o olhar do sujeito, despertar seu senso crítico e estimular seus sentidos com a imagem em movimento. A utilização de filmes como recurso pedagógico pode, portanto, contribuir para ampliação de práticas educacionais dos professores de História, incorporando-as aos processos de construção do conhecimento histórico. Podem ser utilizados também como documentos pelo historiador no intuito de divulgar tal conhecimento.

Palavras-chave: Ensino de História. Filme. Fonte histórica. Tecnologia da Informação e Comunicação.

Cinema, history and teaching: reflections for practice

Abstract: This article aims to address the relationship between History and Cinema, reflecting on the use of film as a didactic resource and as a historical source. For this, a bibliographical research was carried out. Information and communication technologies (ICTs) are being introduced in schools as facilitators of education, contributing to their improvement. Thus, the film has the configuration of a didactic resource facilitator in the classes, that is, didactic resource in the history classes. Teaching, using the cinema, means provoking the subject gaze, awakening his critical sense and stimulating his senses with the moving image. The use of films as a pedagogical resource can, therefore, contribute to the expansion of educational practices of History teachers, incorporating them into the processes of construction of historical knowledge. They may also be used as documents by the historian in order to disseminate such knowledge.

Keywords: Teaching History. Movie. Historical source. Information and communication technology.

Artigo recebido em 03/04/2018 e aceito em 10/07/2018

Introdução

A história, dada à sua complexidade, não apresenta um único conceito. No entanto, pode-se considerá-la como o estudo da sociedade no passado, por meio da qual o historiador baseia-se em fatos e documentos, mediante seus questionamentos e suas interpretações. Nesse sentido, “[...] os historiadores são o banco de memória da experiência. Teoricamente, o passado, todo o passado, toda e qualquer coisa que aconteceu até hoje – constitui a história”^{II}.

Sendo assim, Bloch^{III} afirma que o passado é um dado que nada mais modificará, mas, o conhecimento dele é uma coisa em progresso, que, incessantemente, se transforma e se aperfeiçoa. Para ele, o objeto da história é o homem; por conseguinte, a história é a ciência dos homens no tempo ou a ciência das sociedades humanas. De acordo com Prost^{IV}, são três as características do objeto da história: ele é humano; ele é coletivo e, ele é concreto. A história incide na seleção e construção de um objeto^V.

Nesse sentido, o presente texto tem como objetivo abordar a relação entre História e Cinema, refletindo acerca da utilização de filme como recurso didático e como fonte histórica. Para tanto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica acerca da temática, mediante os estudos dos autores Barros^{VI}, Ferro^{VII}, Moran^{VIII}, Napolitano^{IX}, Nascimento^X, Fernandes^{XI}, Souza^{XII}, dentre outros que contribuíram para o embasamento teórico deste texto.

A sociedade do século XXI vem passando por profundas transformações, sendo a tecnologia a grande propulsora. As novas tecnologias têm proporcionado a democratização do acesso à informação, comunicação entre pessoas de várias localidades e movimentações financeiras, ou seja, estão cada vez mais facilitando a vida dos indivíduos. Atualmente, é raro encontrar alguém que não tenha celular, não acesse a internet (mesmo em *lan houses*), nunca tenha utilizado os caixas eletrônicos de bancos, ou não possua um aparelho de TV, devido à integração das tecnologias ao cotidiano.

As tecnologias da informação e comunicação, conhecidas como TICs, estão sendo introduzidas nas escolas como elementos facilitadores do ensino, contribuindo para a sua melhoria. O professor, antes visto como transmissor de conhecimento, assume agora o papel de orientador, mediador da aprendizagem, guiando as investigações dos alunos. Assim, o filme configura-se como um desses facilitadores, ou seja, recurso didático nas aulas de História. O filme também pode ser analisado como documento pelo historiador no intuito de divulgar o conhecimento histórico.

Destarte, para uma melhor compreensão das possibilidades do uso de filme como ferramenta didática e como fonte histórica, aborda-se, inicialmente, a importância e a relação entre educação e as tecnologias da informação e comunicação, posteriormente, expõem-se as possibilidades e contribuições de utilização do cinema no ensino de História. Logo após, apresenta-se o cinema como fonte para o historiador, finalizando com as considerações.

Educação e as Tecnologias da Informação e Comunicação

Kenski^{XIII} concorda com Simondon quando este diz que “[...] o homem iniciou seu processo de humanização, distinguindo-se dos demais seres vivos, a partir do momento em que se utilizou dos recursos existentes na natureza dando-lhes outras finalidades”. Ela ainda enfatiza que “[...] quando os nossos ancestrais pré-históricos se utilizaram de galhos, pedras e ossos como ferramentas [...] estavam produzindo e criando tecnologias”.

Partindo desse pensamento, no âmbito educacional contemporâneo, é possível destacar a grande influência das tecnologias. Com o passar dos anos, o processo de ensino-

CINEMA, HISTÓRIA E ENSINO: REFLEXÕES PARA A PRÁTICA

PRISCILA DANTAS FERNANDES

aprendizagem sofreu algumas transformações. Antes, o ensino caracterizava-se pelo uso de somente três ferramentas: quadro, giz e livro didático, e tinha como figura central o professor, único detentor e transmissor do conhecimento. Com o advento das novas tecnologias, as exigências no campo da educação tornaram-se maiores.

Quanto ao conceito de tecnologia, entretanto, há divergências. Alguns autores acreditam que ela está relacionada somente aos aparelhos eletrônicos, mas, para França^{XIV}:

[...] a tecnologia não se liga somente a máquinas e computadores, mas a conjuntos de conhecimentos que podem ser utilizados em determinadas atividades. Assim sendo, uma pá tem uma tecnologia, assim como o caminhão, um abridor de latas, um arado, um regador, um carrinho de supermercado, um telefone e mesmo um lápis.

Entretanto, não basta o professor levar a tecnologia para a sala de aula, é necessário saber utilizá-la como uma ferramenta de ensino. Conforme ressalta Seabra^{XV}, “[...] tecnologia educacional é, por exemplo, usar [...] um pedaço de madeira e uma pedra para explicar a flutuação dos corpos; apertar a tecla de um vídeo sobre o assunto e deixar os alunos o assistirem passivamente, em contrapartida, nada tem de tecnologia”. Dentre as TICs que podem ser inseridas no cotidiano escolar, destacam-se o computador, a internet, a televisão, o cinema e o rádio.

De acordo com França^{XVI}, a tecnologia educacional é um instrumento de mediação entre o mundo, o homem e a educação, através do qual o educando pode descobrir ou reconstruir o conhecimento. A necessidade de saber trabalhar com essas tecnologias também é enfatizada pela autora, ao afirmar que a escola pode empregar esses meios para facilitar o processo de ensino-aprendizagem. No entanto, o professor deve conhecer a forma de utilização, pois cada tecnologia tem uma linguagem própria. Assim, uma transmissão via rádio, por exemplo, difere do material usado para uma apresentação via televisão ou computador.

A inserção das TICs no ambiente educacional não exclui o papel do professor, pelo contrário, ele torna-se o mediador entre aluno e saber escolar. Segundo Moran^{XVII}: “[...] a aquisição da informação [...] dependerá cada vez menos do professor. As tecnologias podem trazer, hoje, dados, imagens, resumos de forma rápida e atraente”. Assim sendo, o papel do professor é auxiliar o aluno na interpretação e contextualização desses dados.

As tecnologias intensificam e melhoram as práticas pedagógicas desenvolvidas dentro e fora das salas de aula. Vieira destaca duas possibilidades para utilização das TICs: a) como instrução dos alunos; b) como forma de expor pensamentos por meio de novas linguagens.

[...] a implantação da informática como auxiliar do processo de construção do conhecimento implica mudanças na escola que vão além da formação do professor. É necessário que todos os segmentos da escola – alunos, professores, administradores e comunidades de pais – estejam preparados e suportem as mudanças educacionais necessárias para a formação de um novo profissional. Nesse sentido, a informática é um dos elementos que deverão fazer parte da mudança, porém essa mudança é mais profunda do que simplesmente montar laboratórios de computadores na escola e formar professores para utilização dos mesmos^{XVIII}.

Embora os professores convivam cotidianamente com as tecnologias mais avançadas, muitos deles não sabem como introduzi-las em sala de aula. Por isso, é primordial a sua capacitação para utilizar as tecnologias no campo educacional. Assim, o professor que não se adaptar às novas exigências educacionais, possivelmente, perpetuará modelos de ensino tradicionais.

Vale ressaltar também que as tecnologias da informação e comunicação são estratégias pedagógicas adicionais, ou seja, não é necessário utilizá-las em todas as aulas. A tecnologia

CINEMA, HISTÓRIA E ENSINO: REFLEXÕES PARA A PRÁTICA

PRISCILA DANTAS FERNANDES

digital já faz parte do cotidiano do aluno, por isso, os recursos tecnológicos constituem ferramentas fundamentais para tornar as atividades escolares mais dinâmicas e atrativas.

Cinema e Ensino de História

O ensino de História na realidade educacional brasileira conduz à reflexão quanto ao seu papel formativo. Novas metodologias surgem a cada dia como alternativas para superar o método tradicional no processo de ensino-aprendizagem. Um caminho para isso é a renovação, cotidianamente, das práticas dentro e fora da sala de aula. Nesse sentido, o uso das TICs configura-se como o rompimento dessa forma de ensinar e aprender História.

Diante das grandes mudanças na contemporaneidade, é fundamental repensar o ensino de História, com a utilização de metodologias nas aulas. Segundo Hipolide^{XIX}, “[...] acreditamos que conhecer diferentes metodologias possibilitará ao professor, no decorrer da sua atividade, perceber que a ciência histórica não se resume a um caráter narrativo de fatos do passado, nem tão pouco ser banalizado por valorizar apenas o presente”.

O significado cultural de um filme (ou de um conjunto deles) é sempre constituído no contexto em que ele é visto e/ou produzido. Filmes não são eventos culturais autônomos, é sempre a partir dos mitos, crenças, valores e práticas sociais das diferentes culturas que narrativas orais, escritas ou audiovisuais ganham sentido^{XX}.

A utilização de filmes como recurso pedagógico ou ferramenta didática pode contribuir para que os professores de História ampliem suas práticas educacionais, incorporando-as aos processos de construção do conhecimento histórico. Moran^{XXI} ressalta que os meios de comunicação audiovisuais - como a televisão, cinema e vídeo - desempenham um papel relevante na educação, pois transmitem continuamente informações, mostram modelos de comportamento, ensinam linguagens coloquiais e multimídia, e privilegiam alguns valores em detrimento de outros.

Para Moran^{XXII}, o vídeo, por ser considerado como um descanso pelos alunos, modifica as expectativas em relação ao seu uso. Nessa perspectiva, defende a utilização desse recurso como forma de atrair o educando para os assuntos do planejamento pedagógico. Mas, ao mesmo tempo, enfatiza a necessidade de se estabelecerem novas pontes entre o vídeo e as outras dinâmicas da aula.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais^{XXIII} apresentam orientações didáticas que esclarecem o uso de novas linguagens como indispensáveis no ensino de História.

No caso de trabalho didático com filmes que abordam temas históricos é comum a preocupação do professor em verificar se a reconstituição das vestimentas é ou não precisa, se os cenários são ou não fiéis, se os diálogos são ou não autênticos. Um filme abordando temas históricos ou de ficção pode ser trabalhado como documento, se o professor tiver a consciência de que as informações extraídas estão mais diretamente ligadas à época em que a película foi produzida do que à época que retrata. É preciso antes de tudo ter em mente que a fita está impregnada de valores, compreensões, visões de mundo, tentativas de explicação, de reconstituição, de recriação, de criação livre e artística, de inserção de cenários históricos construídos intencionalmente ou não por seus autores, diretores, produtores, pesquisadores, cenógrafos etc^{XXIV}.

Nascimento^{XXV} afirma que a proposição de uso do filme como recurso didático não é recente. Alguns intelectuais pertencentes ao movimento da Escola Nova, na década de 1930, como Anísio Teixeira, Fernando Azevedo, Edgard Roquete-Pinto e Francisco Campos, por

CINEMA, HISTÓRIA E ENSINO: REFLEXÕES PARA A PRÁTICA

PRISCILA DANTAS FERNANDES

exemplo, acreditavam no potencial da utilização do cinema na educação das crianças e jovens da época.

O vídeo pode ser utilizado, de acordo com Moran^{XXVI}, para introduzir um novo assunto, despertar a curiosidade, motivar novos temas, e trazer realidades distantes dos alunos. Ao exibir o vídeo, o professor deve informar somente os aspectos gerais, como autor, duração, prêmios, entre outros. Assim, não cabe ao educador interpretá-lo antes da exibição, é aconselhável que cada aluno faça a sua própria leitura.

Segundo Moran^{XXVII}, a exploração das imagens, sons e movimentos ao mesmo tempo possibilita aos alunos e professores interagir e produzir saberes. Abdala^{XXVIII} destaca que um filme, visto como discurso cinematográfico, pode ser considerado como “ferramenta cultural”. Dessa forma, mesmo sendo exibido no cinema ou apresentado numa sala de aula, cumpre uma função cognitiva decisiva, a de elemento auxiliar na construção de conhecimentos. No entanto, Loureiro^{XXIX} enfatiza que o filme pode ser tratado como fonte de formação humana, não sendo apenas um suporte para educação.

Saliba^{XXX} explica o conceito de filme:

[...] o filme é uma construção imaginativa que necessita ser pensada e trabalhada interminavelmente. A construção da História nos documentários ou na ficção científica é mais do que uma interpretação da História, pois o ato de engendrar significados para o presente lança o realizador (ou os realizadores) da ficção filmática em possíveis ideologias que ele não domina em sua totalidade. Portanto, construir a História na narrativa filmática pode implicar, inclusive, destruir significados estáveis, desmontar sentidos estabelecidos, desmistificar ilusões ou mitos já cristalizados. Porque ressaltar o aspecto de construção subjetiva da História na narrativa filmática, significa reconhecer a memória coletiva como terreno comum da ficção e da historiografia.

Napolitano^{XXXI} dá sua interpretação a esse respeito, afirmando que “[...] todo filme, ficção ou documentário, é resultado de um conjunto de seleções, escolhas, recortes, perspectivas, que envolve um leque de profissionais e de interesses comerciais, ideológicos e estéticos”. De acordo com Abdala^{XXXII}, os filmes são instrumentos mediadores e atuam como representações sobre o passado, empregando elementos imagéticos, discursivos, sociais, políticos e econômicos ocorridos nas disputas que configuraram o contexto histórico da época.

O cinema possibilita o encontro entre pessoas, amplia o mundo de cada um, mostra na tela o que é familiar e o que é desconhecido e estimula o aprender. Penso que o cinema aguça a percepção a torna mais ágil o raciocínio na medida em que, para entendermos o conteúdo de um filme, precisamos concatenar todos os recursos da linguagem fílmica utilizados no desenrolar do espetáculo e que evoluem com rapidez^{XXXIII}.

Conforme Souza^{XXXIV}, comumente, três enfoques predominam no trabalho com filmes em aulas de História. Primeiro, filmes históricos para ilustrar conteúdos, ou seja, como facilitadores da aprendizagem histórica, potencializando a cognição dos alunos, prendendo a atenção e facilitando o trabalho dos professores, contrapondo-se, dessa forma, ao ensino tradicional. Segundo, no uso dos filmes históricos como fontes para trabalho pedagógico em aula; e o terceiro aborda os filmes numa concepção de educação para as mídias, isto é, na perspectiva do letramento midiático^{XXXV}, uma vez que, como objeto cultural de grande difusão, o cinema é abordado na maioria das vezes sob forma de produto midiático e como mercadoria de consumo massificado.

CINEMA, HISTÓRIA E ENSINO: REFLEXÕES PARA A PRÁTICA

PRISCILA DANTAS FERNANDES

A respeito da relação entre o cinema e a História, Nascimento^{XXXVI} comenta que o acesso ao conhecimento histórico através dos filmes é maior do que por meio dos livros didáticos. Apesar de os filmes serem fundamentais no processo de aprendizagem histórica em sala de aula, cabe destacar que eles não podem substituir o livro didático, nem todo o recurso ou material impresso (seja um jornal ou uma revista). Ou seja, os filmes não podem ser encarados como melhores alternativas ou mais eficazes para dinamizar as aulas de História. É necessária a escolha e seleção do material a ser trabalhado em sala pelo professor, tornando-o um facilitador nesse processo. No entanto, com o avanço das novas tecnologias, muitos professores ainda não se sentem preparados para utilizá-las em sala de aula. O uso das TICs não condiz com a realidade educacional do país. A exibição de filmes, por exemplo, ainda não é uma prática relevante no ensino brasileiro, justificada pelo despreparo da maioria dos professores, predominando, assim, as aulas expositivas ou baseadas no livro didático.

Para utilizar o cinema em sala de aula, Napolitano^{XXXVII} destaca duas formas: a) O filme pode ser um “texto” gerador de debates articulados a temas previamente selecionados pelo professor; b) O filme pode ser visto como um documento em si. Neste caso, o autor alega que precisa ser “[...] analisado e discutido como produto cultural e estético que veicula valores, conceitos, atitudes e representações sobre a sociedade, a ciência, a política e a história”.

Ao aplicar uma atividade com filmes na sala de aula, o professor deve tomar alguns cuidados preliminares imprescindíveis para o bom desempenho de sua prática pedagógica, como o cuidado técnico-operacional e o metodológico. O primeiro constitui a precaução do professor em verificar, com certa antecedência, o estado dos equipamentos eletrônicos. Já a parte metodológica é o suporte que orienta o bom andamento da atividade pedagógica^{XXXVIII}.

Para o trabalho em sala de aula, Fonseca salienta que os professores devem estar atentos ao utilizar filmes no processo de ensino e aprendizagem, levando-se em consideração alguns aspectos antes e durante a visualização fílmica.

a) planejamento: momento de seleção prévia do filme, relacionada ao tema em estudo, englobando atividades como assistir ao filme, organização dos materiais e do espaço, preparação dos equipamentos; b) organização do roteiro de trabalho: enumeração de questões relativas à produção (quem fez, direção, roteiro, quando, onde, gênero, técnicas, financiamento, se é ou não baseado em alguma obra etc.). A ficha técnica pode ajudar o professor a explorar as características e a historicidade do filme: os personagens, o cenário, o ambiente, a época retratada, o enredo, as percepções, as leituras dos alunos, o roteiro, o desfecho, os limites e as possibilidades; c) projeção: assistir ao filme com os alunos no ambiente escolar ou em salas específicas; d) discussão: estabelecer relações entre as leituras, interpretações, percepções dos alunos sobre o filme e os temas estudados em sala de aula em outros materiais como textos, canções, imagens etc. É o momento de confronto, desconstrução, retomada da significação, análise e síntese; e) sistematização e registro^{XXXIX}.

A análise fílmica auxilia professores e alunos na compreensão e, sobretudo, no respeito à “[...] forma como diferentes povos educam/formam as gerações mais novas. É sempre um mundo novo, construído na e pela linguagem cinematográfica, que se abre para nós”^{XL}. Assim, ao serve-se de um filme como fonte de conhecimento e informação, é importante que o professor perfaça uma conexão entre esse recurso e o conhecimento, já que as informações almejadas nem sempre estão explícitas nas cenas dos filmes, podem estar implícitas em uma fala, em um cenário, em alguma atitude dos personagens.

De acordo com Cipolini^{XLI}, os diferentes aspectos abordados no filme (guerras, descobertas de países, momentos políticos e/ou econômicos, dentre outros) possibilitam ao

CINEMA, HISTÓRIA E ENSINO: REFLEXÕES PARA A PRÁTICA

PRISCILA DANTAS FERNANDES

professor de História utilizá-lo “[...] como instrumental didático ilustrando conteúdos, principalmente referentes a fatos históricos; como motivador, na introdução de temas psicológicos, filosóficos e políticos, estimulando o debate; ou como um objeto de conhecimento, na medida em que é uma forma de reconstrução da realidade”.

Segundo Nova^{XLII}, existe um tipo de filme relevante para o historiador e mais ainda para o professor de História: aquele que possui como temática um fato histórico, chamado “filme histórico”. Para essa autora, eles podem ser estudados pelo historiador de duas formas: primeiro como testemunhos da época na qual foram produzidos, e segundo como representações do passado. A partir dessa separação, pode-se classificar o caráter documental dos filmes em primário e secundário. O primeiro diz respeito aos filmes utilizados para análise de aspectos referentes à época em que foi concebido, o segundo, àquele cujo enfoque é a representação do passado.

Desse modo, o filme deve ser visto como representação da sociedade e da época em que foi criado, ou seja, não é a representação direta da realidade. Como sugestão^{XLIII}, especialmente para filmes com temática histórica, é importante assistir a filmes diferentes que abordem temas iguais^{XLIV}. Conforme Nova^{XLV}, qualquer filme também pode ser utilizado didaticamente, como instrumento auxiliar do ensino da História, por meio da realização da sua leitura histórica, em sala de aula, e da compreensão dos elementos característicos.

Em um filme pode-se perceber a caracterização dos personagens, os costumes e vestimentas de uma determinada época, os modos de falar (diálogos), ou seja, uma determinada sociedade, uma determinada cultura. Em meio a isso, ao utilizar o filme em sala de aula, o professor precisa ter claro seus objetivos; conhecer as preferências dos alunos; a faixa etária indicativa; qual relação com o assunto da disciplina (aqui em particular, da História); explorar o conhecimento prévio dos alunos sobre o tema, dentre outros. Para tanto, Bittencourt^{XLVI} ressalta a importância de verificar as experiências e preferências dos alunos com os filmes, pois, como recurso didático, pode revelar uma opção desastrosa. A autora afirma ser necessária a preparação dos alunos para uma leitura crítica de filmes, fazendo uma autorreflexão acerca de suas próprias escolhas.

Um desafio que merece destaque refere-se à maneira atual de trabalhar filmes históricos nas aulas. Com o avanço das tecnologias, os alunos não prestam atenção em filmes longos, uma vez que podem acessar a qualquer momento e/ou ambiente para assistir quando quiser. Outro fator, diz respeito à demanda do tempo. Assim sendo, podem-se passar trechos, documentários ou curtas^{XLVII}. Vesentini^{XLVIII} ressalta que os filmes podem ser apresentados parcialmente aos alunos, não sendo necessário exibir integralmente.

Trata-se de subdividir o filme em vários blocos, em pequenas cenas, atendendo a interesses de conteúdo. É difícil sua efetivação em sala de aula, dado o tempo exigido. Mas por ela o professor amplia tanto o seu domínio sobre o filme quanto define melhor uma bibliografia de leitura previa para o trabalho com o filme.

Para Abdala^{XLIX}, os discursos construídos pelos filmes são narrativas ficcionais, ou seja, não se preocupam em ser fiéis a acontecimentos, personagens, contextos e/ou conhecimentos. Os seus significados residem, principalmente, em contar histórias e sua finalidade é o entretenimento. No entanto, Mitry^L entende que,

[...] a imagem fílmica não é uma representação do real, mas o real apresentado na tela, o que faz com que a imagem fílmica possa ser reconhecida pelos códigos culturais de leitura do mundo da experiência. [...] o cinema apresenta, entretanto, uma diferença: as imagens, ao serem escolhidas para comporem uma cena e construir a narrativa, adquirem um significado específico. A escolha feita pelos

CINEMA, HISTÓRIA E ENSINO: REFLEXÕES PARA A PRÁTICA

PRISCILA DANTAS FERNANDES

realizadores confere à imagem um outro significado que pode ser reconhecido como o resultado das suas relações com outras imagens (ou elementos) que figuram no filme.

Portanto, como afirma Burke^{LI}, o poder do filme consiste em proporcionar ao observador o testemunho dos acontecimentos. Uma história filmada é um ato de interpretação possível do passado. Nesse sentido, o filme histórico constitui uma interpretação da história. No entanto, o filme deve ser observado com um olhar crítico, seu conteúdo deve ser desmistificado, resistindo-se ao efeito de realidade.

Cinema como Fonte Histórica

“[...] o filme, imagem ou não da realidade, documento ou ficção, intriga autêntica ou pura invenção, é História”^{LII}.

A Nova História nasceu, de acordo com Burke^{LIII}, junto com a fundação da *Revista Annales*, criada com o intuito de “promover uma nova espécie de história”. Desse modo, a partir da “Escola dos Annales”, movimento teórico-histórico, alargou-se o uso das fontes, como a pintura, o cinema, a fotografia, possibilitando uma amplitude de estudo no campo.

Um dos pioneiros na utilização do cinema como fonte histórica foi o historiador francês Marc Ferro, que iniciou suas reflexões sobre a temática com o ensaio *O filme: uma contra-análise da sociedade*?^{LIV}. Para ele, o filme é uma anedota, uma ficção cuja análise - para compreender a obra e a realidade que representa - pode incidir em fragmentos de filmes, de planos, de temas, levando em consideração a necessidade das díspares ciências humanas. O historiador pode também considerar o cenário, a escritura, as relações do filme com aquilo que não é filme; o autor, a produção, o público, a crítica, o regime do governo. Essa análise deve ser aplicada aos fundamentos do filme e suas relações, como imagens, imagens sonorizadas e não-sonorizadas.

Nesse sentido, o autor considera duas funções do historiador: a primeira, ele deve criar e constituir arquivos, restituindo a sociedade de informações acerca da História, retirando o monopólio dos governos, partidos políticos, igrejas ou sindicatos. Para tanto, o historiador deve filmar e interrogar aqueles não podem dar seu testemunho, tendo assim mais opções de fontes para a História. A segunda tarefa consiste em confrontar os diferentes discursos da História a descobrir uma realidade não visível; nesse caso, tanto os filmes de ficção quanto os cinejornais são de grande ajuda^{LV}.

Barros^{LVI} afirma que o cinema – forma de expressão cultural e representação - pode ser considerado como uma fonte essencial e inesgotável para o trabalho historiográfico. Para ele, qualquer obra cinematográfica é portadora de retratos, de marcas e indícios significativos da sociedade que a produziu, devendo ser tratadas pelo historiador como fontes históricas para o estudo das sociedades que produzem filmes, incluídos todos os gêneros fílmicos.

Assim, para realizar a análise de filmes, faz-se necessário refletir sobre os seus gêneros. Os filmes podem ser de ação, animação, aventura, biografia, clássicos, comédia, comédia romântica, crime, curta-metragem, dança, documentário, drama, esporte, família, fantasia, faroeste, ficção, científica, guerra, história, independentes, infantil, mistério, romance, suspense, terror, dentre outros. Ferro^{LVII} classifica os filmes históricos pelo seguinte critério: os que reproduzem os estereótipos das correntes de pensamento dominantes, ou dominadas; os que reconstróem completamente uma análise a partir de um procedimento

CINEMA, HISTÓRIA E ENSINO: REFLEXÕES PARA A PRÁTICA

PRISCILA DANTAS FERNANDES

puramente cinematográfico; e os que procedem a uma análise original do funcionamento social e histórico.

Fernandes^{LVIII} destaca alguns pontos importantes para analisar um filme^{LIX}: a continuidade (pode ser marcada pelo olhar de um personagem, pela sequência de planos ou por cenas que são marcantes na sequência); os personagens (refletir sobre os estereótipos); os planos (podem ser analisados de acordo com a duração, o ângulo, o movimento, enquadramento – iluminação, cor, digitalização, profundidade, definição da imagem); sequências (sucessão cronológica, alternância, episódios, capítulos, variação de tomadas – externos, dia, sem diálogos, ação, íntimas, quantidade de personagens); cenários e figurinos (comparar obras cinematográficas entre si e nos registros de outras fontes); texto (detalhes do roteiro, época retratada, local da produção, características de narradores ou ação em terceira pessoa); trilha sonora e efeitos (perceber a relação som imagem).

Os historiadores também podem valer-se dos diversos tipos de fontes relacionadas com o cinema, como os roteiros (transposição literária do filme); sinopses (resumo do filme); cenários, propagandas; críticas de cinema; receitas e despesas de produção. Há também a documentação sobre cinema, registrada por meio da escrita, como por exemplo, a documentação oficial, institucional e governamental sobre a produção cinematográfica: legislação sobre normatização do cinema, documentos de censura, entre outros^{LX}.

A respeito da análise de filmes como fonte histórica, Napolitano^{LXI} apresenta a importância de refletir sobre a linguagem e a compreensão da realidade histórica ou social representadas cinematograficamente.

Nossa perspectiva aponta para um conjunto de possibilidades metodológicas pautadas por uma abordagem frequentemente enfatizada por historiadores especialistas em fontes de natureza não-escrita: a necessidade de articular a linguagem técnico-estética das fontes audiovisuais e musicais (ou seja, seus códigos internos de funcionamento) e as representações da realidade histórica ou social nela contidas (ou seja, seu conteúdo narrativo propriamente dito).

Os filmes históricos se constituem em documentos limitados acerca do período que retratam, principalmente para a pesquisa. Apesar disso, eles desempenham um papel significativo na divulgação e na polemização do conhecimento histórico^{LXII}. Nóvoa^{LXIII} salienta que “[...] quando o historiador passou a observar o filme, para além de fonte [...] de divertimento, rapidamente ele o percebeu como agente transformador da história e como registro histórico”.

Nova^{LXIV} toma como verdadeira a seguinte premissa: “[...] todo filme é um documento, desde que corresponda a um vestígio de um acontecimento que teve existência no passado, seja ele imediato ou remoto”. Assim, as obras ficcionais podem ser consideradas pertinentes ao estudo do homem no passado, como destaca Chartier^{LXV}:

[...] os historiadores sabem que o conhecimento que produzem não é mais que uma das modalidades da relação que as sociedades mantêm com o passado. As obras de ficção, ao menos algumas delas, e a memória, seja ela coletiva ou individual, também conferem uma presença ao passado, às vezes ou amiúde mais poderosa do que estabelecem os livros de história.

De acordo com Cardoso e Mauad^{LXVI}, não há necessidade de o historiador se apoiar na totalidade das obras, podendo usar sequências ou imagens destacadas, compor séries e conjuntos. Para eles, o filme deve ser integrado ao mundo social, ao contexto em que surge, implicando assim, o confronto da obra cinematográfica com elementos não-cinematográficos,

CINEMA, HISTÓRIA E ENSINO: REFLEXÕES PARA A PRÁTICA

PRISCILA DANTAS FERNANDES

como autor, produção, público. Nesse sentido, as imagens e os seus significados constituem-se como aspectos importantes na análise fílmica do historiador. Sendo assim, Ferro^{LXVII} alerta que se deve:

Partir da imagem, das imagens. Não buscar nelas somente ilustração, confirmação ou desmentido do outro saber que é o da tradição escrita. Considerar imagens como tais, com o risco de apelar para outros saberes para melhor compreendê-las. Os historiadores já recolocaram em seu lugar legítimo as fontes de origem popular, primeiro as escritas, depois as não-escritas: o folclore, as artes e as tradições populares. Resta agora estudar o filme, associá-lo com o mundo que o produz.

Portanto, o filme é uma relevante fonte histórica na qual devem ser tomados alguns cuidados em sua análise. Além da película em si, outras fontes associadas podem ser utilizadas para tal finalidade, como as imagens ou trechos, os personagens, os planos, os figurinos, os textos, os roteiros, as sinopses, as propagandas, entre outras.

Considerações Finais

As tecnologias da informação e comunicação são elementos facilitadores do ensino e tornam o professor um mediador do processo de ensino-aprendizagem, guiando as investigações dos alunos. As TICs, além de renovar esse processo, permitem o desenvolvimento integral do educando, valorizando o seu lado social, emocional, crítico e imaginário, proporcionando a exploração de novas possibilidades de criação.

Em relação à utilização de filmes no ensino de História, é indispensável que o indivíduo faça uma leitura crítica dos fatos a partir das imagens (cinema, televisão, publicidade etc.), pois elas escondem posturas ideológicas, direcionamentos políticos, valores a serem percebidos pelo observador.

Para possibilitar o acesso ao conhecimento histórico, a partir da linguagem cinematográfica, é necessário que as escolas estejam bem equipadas, com aparelhos de TV, DVD ou até mesmo uma videoteca. Neste ínterim, o professor deve assumir o papel de mediador, tornando o aluno sujeito da aprendizagem.

Através da pesquisa bibliográfica realizada, pôde-se perceber que o meio audiovisual é considerado um importante recurso didático e uma fonte inesgotável de conhecimento histórico. Portanto, vale ressaltar a contribuição do uso de filmes no ensino de História, pois, através deles, os educandos realizam um diálogo crítico com as imagens e representações, construindo conhecimentos e estimulando seus sentidos. Os filmes constituem-se também como fonte relevante que subsidiam o estudo das sociedades.

Notas

^I Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Sergipe.

^{II} HOBSBAWM, 2013, p. 45.

^{III} BLOCH, 2001.

^{IV} PROST, 2015.

^V LE GOFF, 2013.

^{VI} BARROS, 2011.

^{VII} FERRO, 1992a; 1992b.

^{VIII} MORAN, 2002; 2003.

^{IX} NAPOLITANO, 2005; 2009.

^X NASCIMENTO, 2008.

^{XI} FERNANDES, 2007.

-
- XII SOUZA, 2014.
- XIII KENSKI, 1997, p. 58-59.
- XIV FRANÇA, 2007, p. 66.
- XV SEABRA, 1993, p. 45.
- XVI FRANÇA, 2007.
- XVII MORAN, 2003. p. 29.
- XVIII VIEIRA, 2011, p. 4.
- XIX HIPOLIDE, 2009, p. 11.
- XX DUARTE, 2002, p. 51-52.
- XXI MORAN, 2002.
- XXII Ibidem.
- XXIII BRASIL, 1998.
- XXIV Ibidem, p. 88.
- XXV NASCIMENTO, 2008.
- XXVI MORAN, 2002.
- XXVII MORAN, 2003.
- XXVIII ABDALA, 2008.
- XXIX LOUREIRO, 2008.
- XXX SALIBA, 1999, p.119-120.
- XXXI NAPOLITANO, 2009, p. 12.
- XXXII ABDALA, 2008.
- XXXIII ALENCAR, 2007, p. 137.
- XXXIV SOUZA, 2014.
- XXXV É a capacidade de entendimento crítico da natureza, impacto e técnicas das mensagens e produções construídas pelos meios de comunicação de massa (MOCELLIN, 2009). O autor evidencia seis noções a esse respeito: 1. Meios de comunicação são produtos mercadológicos e frutos de um trabalho de construção; 2. Meios de comunicação constroem a realidade; 3. Audiências negociam significado; 4. Produção midiática traz implicações comerciais; 5. Toda produção midiática contém mensagens ideológicas e juízos de valor; 6. Meios de comunicação têm poder social e político.
- XXXVI NASCIMENTO, 2008.
- XXXVII NAPOLITANO, 2009, p. 20.
- XXXVIII NASCIMENTO, 2008.
- XXXIX FONSECA, 2009, p. 157.
- XL DUARTE, 2002, p. 106.
- XLI CIPOLINI, 2008, p. 19.
- XLII NOVA, 1996.
- XLIII Napolitano (2009) sugere dois filmes sobre gladiadores, como Spartacus (Stanley Kubrick, 1960) e Gladiador (Ridley Scott, 2000). O primeiro lê a Roma Antiga sob a perspectiva das lutas políticas do século XX (democracia, revolução, ditadura). O segundo lê a Roma antiga sob a perspectiva do individualismo e dos valores neoliberais do final do século XX.
- XLIV NAPOLITANO, 2009.
- XLV NOVA, 1996.
- XLVI BITTENCOURT, 2004.
- XLVII Ou curta-metragem.
- XLVIII VESENTINI, 2002, p. 165.
- XLIX ABDALA, 2008.
- L Apud ABDALA, 2008, p. 9.
- LI BURKE, 2004.
- LII FERRO, 1992a.
- LIII BURKE, 1997, p. 11.
- LIV FERRO, 1992b.
- LV FERRO, 1992a.
- LVI BARROS, 2011.
- LVII FERRO, 1992b.
- LVIII FERNANDES, 2007.
- LIX Ressalvo, notadamente históricos.
- LX BARROS, 2011.

^{LXI} NAPOLITANO, 2005, p. 237.

^{LXII} NOVA, 1996.

^{LXIII} NÓVOA, 1995, p. 106.

^{LXIV} NOVA, 1996, p. 1.

^{LXV} CHARTIER, 2009, p. 21.

^{LXVI} CARDOSO e MAUAD, 1997.

^{LXVII} FERRO, 1992a, p. 86.

Referências

ABDALA, Roberto. O cinema: outra forma de “ver” a história. **Revista Iberoamericana de Educación**. V.7, nº 381, 25/05/2006. Disponível em: <<http://www.rieoei.org/deloslectores/1244abdala.pdf>>. Acesso em: 22 jul. 2017.

ABDALA, Roberto. Cinema e história: elementos para um diálogo. **O olho da história**. Bahia, n. 10, abr. 2008.

ALENCAR, Sylvia Elisabeth de Paula. **O cinema na sala de aula: uma aprendizagem dialógica da disciplina história**. 2007. 156p. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2007.

BARROS, José D’Assunção. Cinema e história – considerações sobre os usos historiográficos das fontes fílmicas. **Comunicação & Sociedade**. Ano 32, n. 55, p. 175-202, jan./jun. 2011.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2004.

BLOCH, Marc. **Apologia da história: ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: História/Ensino Fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da historiografia**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e imagem**. São Paulo: EDUSC, 2004.

CARDOSO, Ciro Flamarion; MAUAD, Ana Maria. História e imagem: os exemplos da fotografia e do cinema. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (orgs.). **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

CINEMA, HISTÓRIA E ENSINO: REFLEXÕES PARA A PRÁTICA

PRISCILA DANTAS FERNANDES

CIPOLINI, Arlete. **Não é fita, é fato: tensões entre instrumento e objeto – Um estudo sobre a utilização do cinema na educação.** Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008.

DUARTE, Rosália. **Cinema & educação.** – Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

FERNANDES, Sandro Luís. **Filmes em sala de aula – realidade e ficção: uma análise do uso do cinema pelos professores de história.** Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

FERRO, Marc. **Cinema e história.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992a.

FERRO, Marc. O filme, uma contra-análise da sociedade? In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (Orgs.). **História: novos objetos.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992b, p. 79-115.

FONSECA, Selma Guimarães. **Fazer e ensinar história.** Belo Horizonte: Dimensão, 2009.

FRANÇA, Lilian. Os difíceis caminhos da tecnologia educacional. In: FRANÇA, Lilian; FERRETE, Anne Alilma S. S.; GOUY, Guilherme Borba. **Tecnologias da informação e da comunicação aplicadas à educação.** Aracaju: Cesad/UFS, 2007.

HIPOLIDE, Márcia. **O ensino de história nos anos iniciais do ensino fundamental: metodologias e conceitos.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2009.

HOBBSAWM, Eric J. **Sobre história.** São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

KENSKI, Vani Moreira. Novas tecnologias: O redimensionamento do espaço e do tempo e os impactos no trabalho docente. **Revista brasileira de educação.** n. 08. mai/jun/jul/ago 1997.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** 7ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

LOUREIRO, Robson. Educação, cinema e estética: elementos para uma reeducação do olhar. **Educação & Realidade.** v. 33, n. 1, 2008.

MOCELLIN, Renato. **História e cinema: educação para as mídias.** São Paulo: Editora do Brasil, 2009.

MORAN, José Manuel. **Desafios da televisão e do vídeo à escola.** 2002. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/prof/moran/desafio.htm>>. Acesso em: 20 jul. 2017.

MORAN, José. Manuel. Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas. In: MORAN, José Manuel, MASSETTO, Marcos T., BEHRENS Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediações pedagógicas.** 3. ed. Campinas (SP): Papirus, 2003. p. 11-66.

NAPOLITANO, Marcos. Fontes Audiovisuais: A história depois do papel. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas.** São Paulo: Contexto, 2005.

CINEMA, HISTÓRIA E ENSINO: REFLEXÕES PARA A PRÁTICA

PRISCILA DANTAS FERNANDES

NAPOLITANO, Marcos. Cinema: experiência cultural e escolar. In: **Caderno de cinema do professor: dois**. Fundação para o Desenvolvimento da Educação. São Paulo: FDE, 2009.

NASCIMENTO, Jairo Carvalho do. Cinema e ensino de história: realidade escolar, propostas e práticas na sala de aula. **Fênix. Revista de História e Estudos Culturais**. Uberlândia, v. 5, n. 2, abr./mai./jun. 2008, p. 1-23.

NOVA, Cristiane. O cinema e o conhecimento da história. **O Olho da História** – Revista de História Contemporânea. Salvador, n.3, p. 1-14. 1996.

NÓVOA, Jorge. Apologia da relação cinema-história. **O Olho da História** – Revista de História Contemporânea. Salvador, n. 1, 1995.

PROST, Antoine. **Doze lições sobre a história**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

SALIBA, Elias Thomé. As imagens canônicas e o ensino de história. In: SCHMIDT, M. A. (Org.) III ENCONTRO PERSPECTIVAS DO ENSINO DE HISTÓRIA. UFPR/Aos Quatro Ventos, Curitiba: UFPR; Aos Quatro Ventos, 1999.

SEABRA, Carlos. O computador na criação de ambientes interativos de aprendizagem. **Em Aberto**, Brasília, ano 12, n.57, jan./mar. 1993.

SOUZA, Éder Cristiano de. **Cinema e educação histórica: jovens e sua relação com a história em filmes**. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2014.

VESENTINI, Carlos Alberto. História e ensino: o tema do sistema de fábrica visto através de filmes. In: BITTENCOURT, Circe. (org). **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto. 2002. p. 163-175.

VIEIRA, Rosângela Souza. O papel das tecnologias da informação e comunicação na educação: um estudo sobre a percepção do professor/aluno. **Revista Brasileira de Aprendizagem Aberta e a Distância**. v. 10, p.66-72. São Paulo, 2011. Disponível em: <http://seer.abed.net.br/edicoes/2011/Artigo_05.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2017.